

UM MONUMENTO À CORAGEM BAIANA

Foi no ano de 1914 que o governo de J. J. Seabra construiu, no bairro de Pirajá, o Pantheon aos heróis da Independência da Bahia. Palco de lutas sangrentas contra as tropas portuguesas, Pirajá assistiu também a uma das mais belas vitórias das tropas baianas travadas em suas ruas — quando um golpe de sorte, ousadia e engenhosidade do cabo corneteiro Luís Alves decidiu em favor dos brasileiros uma batalha dada como perdida.

Tendo recebido ordem de executar o toque de recolher, Alves resolveu, por conta própria, ordenar o ataque das tropas brasileiras. O toque fez renascer o ânimo dos soldados, e a súbita fúria brasileira surpreendeu os invasores portugueses, que, amedrontados, fugiram. Os restos mortais do general Labatut, comandante da tropa, assim como de alguns heróis de 1823, repousam no Pantheon de Pirajá.

Durante as comemorações do Dois de Julho — Independência da Bahia — Pirajá não pode deixar de ser lembra-



O Pantheon é o símbolo da luta pela liberdade

do. É para lá que converge o desfile que conduz a tocha simbólica. Ela parte da cidade de Cachoeira, incursionando por várias cidades do Recôncavo, até ser depositada por alguém (geral-

mente, um ilustre homenageado), bem no centro do Pantheon. No dia seguinte, é transferida para o Praça Dois de Julho (Campo Grande), para ser observada por um maior número de pessoas.

Jornal: Jornal da Bahia

Data: 29/04/1993

Suplemento Especial - Jornal do Bairro

Pirajá

Pagina 2